



www.doi.org/10.21680/2763-6488.2019v1n1ID24878

Sobre crescer e se reinventar

Gostaria de começar esse relato com um sincero, obrigada! Obrigada Deus, obrigada família, obrigada a minha supervisora, obrigada aos meus amigos e colegas de curso e principalmente aos meus alunos. O sentimento é de gratidão, estar resumindo em poucas páginas essa experiência é a completa realização de um sonho.

Para realizar meu estágio, escolhi a escola Estadual Felizardo Moura que fica localizada no bairro das Quintas (Natal/RN), por ser próxima de onde eu moro e por já ter trabalhado enquanto bolsista do PIBID – Biologia. Muitos dos alunos que compõem o quadro escolar são da redondeza da escola. Algo que já sabia e temia era a poluição sonora que rodeia a escola, por ser localizado em uma rua principal de acesso a várias regiões da cidade de Natal.

Me senti confortável com a escolha dessa escola, pois a minha supervisora além de uma excelente profissional é um amor de pessoa. Em conversa decidimos que iria estagiar com turma do 6º ano.

Após conversarmos sobre minhas aflições, percebi através do olhar da minha supervisora que tudo depende de como eu enxergo as coisas ao meu redor. Estava observando superficialmente e, do lado de cá, parece que está tudo errado, que alguém precisa despertar e virar tudo para o lado correto, pois as coisas estão ao avesso. Só que, quando paramos para analisar como “gente grande”, percebemos que o contexto escolar, juntamente com todas as suas limitações e escassez, vai muito além do que os nossos olhos podem enxergar. Então, minha supervisora me encorajou a dar o meu melhor. Terminado a observação, chegou o dia de dar o meu melhor. Meu melhor? Isso parecia ser fácil se dependesse só de mim. Cheguei achando que iria ser “moleza”, contando com minha experiência do PIBID - Biologia. Mas percebi que a sala de aula é uma caixinha de surpresas, parece assustador e mágico ao mesmo tempo. É uma mistura de emoções que não consigo definir em palavras, sabe? Os primeiros dias foram frustrantes. Foi angustiante ver que nada estava saindo como



Thauana Wuelly Alves Ferreira

Sou estudante do curso de Ciências Biológicas da UFRN.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos

planejado. Planejei minhas aulas da forma mais didática possível, de acordo, claro, com meu ponto de vista. Comecei a partir daí a aprender a me reinventar e como é bom poder dizer isso hoje. Aprendi com aqueles pequenos que eu consigo ir ainda mais além da minha sequência didática e que, mesmo que eu não siga o planejado, está tudo bem. Confesso que isso me custou algumas lágrimas na primeira semana. Hoje percebo que fez parte do meu amadurecimento. Planejar é maravilhoso, ter tudo sob controle é ótimo. Mas em uma sala de aula tudo pode acontecer, tudo pode mudar e isso é o que nos torna professores.

Ao longo dessas horas de estágio, percebi que não sou o tipo de professora autoritária. Sabe aquela que levanta o tom da voz? Eu não consigo. E isso parecia me atrapalhar bastante no início, pois os alunos como um todo conversam e esperam o professor chamar a atenção com um sinal de alarme e pedir silêncio. Pensava inocentemente “não vou gritar, educação eles precisam trazer de casa”. Mas que tipo de “educação” eu estava me referindo? Comecei a perceber que, de fato, eles são crianças. O 6º ano, apesar de apresentar alunos que repetiram de ano e que estão desnivelados em relação à grade, ainda assim são crianças. Crianças que muitas vezes, desde cedo, precisam trabalhar para mudar sua realidade. Me emocionei muito com um aluno, que quase sempre chegava atrasado e senti a curiosidade de perguntar porque ele se atrasava tanto. Então

ele abriu o seu coração e me relatou alguns problemas que estava passando com sua família. E eu pensei, “Deus, ele só tem 16 anos e sua maior preocupação deveria ser chegar no horário certo nas escolas”, ao invés de conseguir um emprego para sair de casa. Contive as lágrimas nesse dia, acho que quis me mostrar forte e ser convincente enquanto falava que ele iria conseguir conquistar todos os seus objetivos, pois ele tinha o essencial: força de vontade. Levando em consideração a turma, aos poucos, percebi que eles foram me respeitando e quando menos esperava eu conseguia que eles colaborassem com as atividades, mesmo sem eu precisar gritar com eles. Não estou dizendo que é simples e fácil, pois não é. Afinal, eles são crianças. Assim, conseguimos trabalhar os assuntos sobre “Ar e atmosfera terrestre” ao longo dessas 20 horas/aulas. Houve aulas em que precisei repetir muitas vezes e explicar de formas diferentes, aulas essas que tomaram mais tempo que o programado, e mesmo assim ocorreu tudo bem. Precisei trabalhar isso em mim. Não era no meu tempo, era no tempo dos meus alunos. Eu estava mudando e mudando para melhor. É isso que o estágio proporciona. O estágio nos faz mergulhar em um oceano que pensamos que já conhecemos, só porque ficamos observando por fora. Quando você está lá dentro, é preciso se reinventar a cada momento. Sinto que é isso mesmo. Sei que o oceano em toda sua imensidão é lindo, rico, diverso e às vezes até obscuro.



“Cada aluno com seu jeito, sua forma de ser e de aprender, ensinou-me bem mais do que eu poderia imaginar”

Assim foi a minha sala de aula. Infinitas são as possibilidades e os acontecimentos. Cada aluno com seu jeito, sua forma de ser e de aprender, ensinou-me bem mais do que eu poderia imaginar.

Às vezes eu paro e penso: “Professora?”. Quem diria? A Thauana de anos atrás ficaria muito feliz em saber de como estou hoje. Sempre fui muito confusa e indecisa em relação ao que eu queria ser em termos profissionais. Não escolhi ser professora e estou me tornando uma. Obrigada, vida! Desde cedo, pensei em fazer um curso que pudesse me trazer um retorno em relação a emprego e de forma mais fácil, então escolhi a licenciatura. Infelizmente, minha família não possui histórico positivo de pessoas que através do estudo tornaram a sua realidade diferente, por isso nem sempre ouvi incentivos, não os culpo por isso.



O grande sonho do meu coração era estudar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e eu não achei que conseguiria. Estando na UFRN e por precisar conciliar tudo com um emprego, confesso que abdiquei de muitas coisas ao longo desses anos para me manter na graduação e o estágio era o meu maior medo desde o início. Muitos me perguntavam “como você vai estagiar?”. E isso me deixava triste. Mas como quase tudo na vida tem um jeito, estou aqui com lágrimas nos olhos e gratidão no coração reconhecendo que tudo valeu a pena. Se eu soubesse que essa experiência não teria preço, eu teria me angustiado menos. Ou talvez não.

Não acho que nascemos professores ou escolhemos ser, nos tornamos professores quando além de contribuir para construção de conhecimentos, também nos importamos com nossos alunos. Lembro me bem que um dia minha professora de História do 9º ano estava comentando com outra professora que eu era uma boa aluna, e ela falou “Thauana? Ah, Thauana vai ser o que ela quiser”. Não me lembro bem do contexto dessa conversa, sei que nunca esqueci dessas palavras e até hoje as guardo no meu coração. Guardo muitos professores no meu coração, também. Quero viver para ser a professora que um dia algum aluno vai se lembrar, seja por algo simples, seja por um assunto que despertou o interesse e se “amarrou”, seja por qualquer coisa. Fico na torcida que essa “coisa” seja boa.

Por fim, gratidão!

“Não acho que nascemos professores ou escolhemos ser, nos tornamos professores”

